

CONFERÊNCIA EM HOMENAGEM A EULÁLIA LOBO^{1[*]}

Por Ismênia Martins de Lima

Com emoção, recebi de meus colegas, editores da *Revista Rio de Janeiro*, a missão de porta-voz na homenagem a Eulália Maria Lahmeyer Lobo neste lançamento, do número 10 da nossa Revista. A querida professora estará completando, brevemente, 80 anos, em plena atividade intelectual, sendo autora de um dos textos publicados nesta edição.

Professora Emérita da UFRJ e da UFF, sua trajetória é emblemática para a comunidade brasileira de historiadores. Ao cumprir esta grata missão, procurei resgatar aspectos importantes de sua vida profissional, destacados por ela própria, apresentando-os aos jovens estudantes de História.

Desde que escolheu o curso de História, Eulália sempre definiu sua opção pela pesquisa. Não queria ser mais uma a compilar autores clássicos nem ficar presa aos limites de uma discussão historiográfica já superada. Queria ir às fontes, mas não de qualquer maneira! Havia muitas questões sobre a contemporaneidade do Brasil e da América Latina. As mudanças sociais e econômicas colocavam para a jovem historiadora problemas fundamentais sobre o presente e o futuro. O passado não era apenas um dado a mais para a erudição e o ornamento cultural. Tornava-se um instrumento ativo nas mãos de quem o questionava, a partir do seu presente. O Brasil teria que ser compreendido, tendo em conta a dinâmica interna de sua história e não

apenas seguindo os quadros explicativos da Europa Ocidental.

Como estudante, teve de fazer o exame vestibular em francês, pois boa parte dos examinadores era dessa nacionalidade. Na sua formação, beneficiou-se da erudição desses historiadores. Mas, suas inquietações levaram-na a repensar os ensinamentos da História do Brasil, aprisionados a um empiricismo empobrecedor. Estudou com afinco todos os clássicos – Capistrano, Varnhagen –, mas desde cedo, a partir de leituras de Caio Prado Júnior, rompeu com a visão tradicional e se interessou pela História Econômica, que propunha perspectivas metodológicas atraentes e criativas.

Na universidade, entre seus professores, eram poucos os interlocutores e estavam quase todos fora do ensino de História do Brasil – como Josué de Castro e Artur Ramos. José Honório Rodrigues era o único, como diz a própria Eulália Lobo, que fazia uma campanha em prol da metodologia e da pesquisa, mas estava fora da universidade.

Assim que terminou o curso, começou o Doutorado e dedicou-se inteiramente à pesquisa, aprimorando seus estudos em universidades americanas.

Sua tese de Doutorado tratou da administração colonial luso-espanhola na América. A escolha do tema tinha um caráter prático, porque era mais fácil ter acesso às fontes relativas a esse recorte do que sobre a Europa, mas também revelava seu espírito crítico. A América Latina deveria ter a sua história: original, diferente e nova! O seu tempo era diferente do europeu. E o ritmo, a evolução e as alternativas eram outras. Eulália considerava que a América Latina poderia – pelas suas possibilidades – ter um papel fundamental na transformação do mundo. Infelizmente não foi assim, mas, de qualquer maneira, Eulália tornou-se a primeira

^{1[*]} Conferência pronunciada em 15 de abril de 2004, no Campus da UERJ, por ocasião do lançamento da *Revista Rio de Janeiro* n.10, dedicada ao Centenário da Reforma Pereira Passos (1903-2003).

pesquisadora sobre a América Latina no Brasil. Sua tese inovou, também, pela utilização do método comparativo. Segundo depoimento da autora, naquela época, estudos deste tipo eram muito raros e apesar de uma recomendação do Conselho Interamericano de Geografia, havia, por outro lado, um forte preconceito que imprimia a superioridade do Brasil em relação à América Latina. Era como se o Brasil não fizesse parte dela! O estudo de Eulália iria apontar noutro sentido. Contornando as dificuldades com o seu orientador, lançou-se à pesquisa de forma obstinada. Toda a documentação impressa a que tinha acesso no Rio de Janeiro – como a legislação das Índias, o Código Filipino, as Atas da Câmara – foi compulsada. Com o auxílio que conseguiu do Instituto de Cultura Hispânica e do Itamaraty, pesquisou no Arquivo Geral das Índias, em Sevilha, e no Arquivo Geral de Madrid. Encontrou em Jayme Cortesão – que abriu a ela sua biblioteca particular – um excelente interlocutor “apesar da sua lusofilia”, como afirmou a historiadora. Foi a primeira tese de doutorado em História defendida por uma mulher no Brasil. Tal título lhe valeu a inclusão no *Dicionário Mulheres do Brasil*.

Nessa época, Eulália já havia iniciado suas atividades docentes como Auxiliar de Ensino de História da América, cuja cátedra era ocupada pelo Professor Sílvio Júlio de Albuquerque, que foi também seu orientador no doutorado. Em entrevista concedida a Ronaldo Vainfas e Ângela Castro – publicada na *Revista Estudos Históricos* nº 9, dedicada à comemoração dos 500 anos da América –, Eulália narra com muita graça as peripécias para uma boa convivência com o catedrático que, além do temperamento explosivo, não estimulava a sua jovem auxiliar.

Mas Eulália não desistiu. A pesquisa não era apenas uma formalidade para a

obtenção do título. Era um prazer! E Eulália iniciou um novo estudo, pesquisando a Coleção De Angelis – que se encontrava em parte na Biblioteca Nacional e em parte no Itamaraty – e concluiu um trabalho que deu origem à sua tese de livre docência defendida em 1958, intitulada “Caminho de Chiquitos às Missões Guaranis”. Mais uma vez elegia um tema em que a história da América Latina era a preocupação central. O estudo de caso revelava aspectos importantes da história do Paraguai, da Bolívia, do Peru, do Brasil e até mesmo dos Estados Unidos.

Foi autora de outra importante tese, apresentada para o concurso de cátedra, intitulada “Aspectos da Atuação dos Consulados de Sevilha, Cádiz e América Hispânica na Evolução Econômica do Século XVIII”, em que estudou a expansão dos comerciantes espanhóis e o fortalecimento dos comerciantes locais como aspecto importante para a transformação que resultaria na criação de uma burguesia local com poder econômico e político influenciando, fortemente, o processo de Independência.

Importante ressaltar o esforço de Eulália, não apenas para executar o seu trabalho de pesquisa, mas também para divulgá-lo, numa época em que o mercado editorial não se interessava por esse tipo de obra. A primeira edição de sua tese de doutorado foi custeada por ela mesma. Esgotada, mereceu uma segunda edição pela Biblioteca do Exército. A relevância da divulgação das possibilidades de pesquisa oferecidas pelas instituições documentais e arquivistas brasileiras ficava patente em seus trabalhos e teve grande influência em várias gerações de estudantes – a minha própria – a partir dos anos 60.

Da mesma forma, abriu caminho para os incentivos à pesquisa. Isso também não foi fácil! Ela conta que teve de gastar muitas

horas conversando e convencendo diversas autoridades, as quais achavam que a pesquisa histórica não devia ser apoiada, pois o Brasil tinha outras prioridades. Com “engenho e arte”, conseguiu a primeira bolsa de pesquisa da Capes!

Eulália Lobo, na entrevista já citada, conta como ingressou no magistério superior. Disse que não queria, mas que era o único caminho viável para profissionalizar-se como pesquisadora. Nesse aspecto, Eulália constituiu-se também em uma referência obrigatória no ensino universitário de História no Brasil. Formou várias gerações de estudantes – em nível de graduação e pós-graduação –, tendo sempre como modelo a matriz indissociável do ensino e da pesquisa. O importante era dotar os alunos de condições teórica e metodológicas para a leitura crítica da bibliografia já existente e das fontes primárias para a produção de novos conhecimentos.

Sua trajetória de docente é acompanhada pela produção de uma obra de grande historiadora. Arno Wehling, professor universitário e presidente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, no discurso de recepção a Eulália Lahmeyer Lobo àquela instituição, assim a define: “Fundada numa bem alicerçada técnica de pesquisa, exaustivamente documentada, sua obra se beneficia de sólida análise cujos pressupostos se enraízam nas melhores balizas das Ciências Sociais – notadamente a Economia e a Sociologia. A sua prática interdisciplinar, entretanto, nunca a fez minimizar os traços epistemológicos e metodológicos tipicamente históricos, recusando-se às simplificações de considerar nosso território mero objeto de uma economia do passado ou de uma sociologia retrospectiva”.

Ciro Flamarion Cardoso, em resenha sobre o seu livro *Portugueses en Brasil en el*

siglo XX, destacou o pioneirismo historiográfico de Eulália Lobo em diferentes ocasiões: primeiro, quando empreendeu uma comparação sistemática dos sistemas administrativos espanhol e português na América; depois, ao interessar-se pelas questões de preço, salário e níveis de vida no Rio de Janeiro do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, elaborando uma vasta síntese em dois tomos da história econômica da cidade do Rio de Janeiro; e, finalmente, ao produzir um primeiro estudo detalhado de todos os aspectos pertinentes à imigração portuguesa no Brasil do final do século XIX e no século XX.

Com mais de cem títulos publicados, Eulália Lobo continua em plena atividade profissional.

Na edição brasileira de seu livro sobre os portugueses no Brasil, em 2001, Eulália ampliou o estudo original, incorporando novas pesquisas. Sua experiência e maturidade intelectual permitiram-lhe, inclusive, o feliz cruzamento entre o existencial e a História. A correspondência de seu pai, comerciante português, homem de grande visão que acumulou conhecimento e erudição através de um esforço autodidata, foi trabalhada de forma exemplar como fonte histórica. No momento, Eulália Lobo pesquisa os açorianos no Brasil.

Na condição de professora, Eulália destacou-se também nos embates políticos e ideológicos. Sua carreira universitária foi interrompida de forma traumática após o golpe de 64. A antiga Faculdade Nacional de Filosofia – a famosa FNFfi – tinha sido dividida em várias escolas e institutos. Eulália passou a dar aula no IFCS. O casarão da Rua Marquês de Olinda, em Botafogo, tornara-se um centro de debates e um local de grande agitação intelectual. A reforma universitária era muito debatida. Evaristo de Moraes Filho e Marina Vasconcellos – que o sucedeu na

direção do IFCS – eram adeptos da reforma, que contrariava muitos interesses consolidados, como os da cátedra. Eulália envolveu-se nesse debate, tendo sido, inclusive, membro da comissão de reforma.

A universidade, naqueles anos de ditadura, tornara-se muito visada, particularmente, o IFCS. As denúncias apontavam uma célula de comunistas e os conspiradores seriam Manoel Maurício, José América Pessanha, Maria Yedda Linhares, Evaristo de Moraes e... Eulália Lobo!

Aposentada compulsoriamente, foi presa em 1969 por ocasião da visita de Rockefeller ao Brasil, a chamada “Operação Gaiola”, como diz Eulália em seu depoimento: “Eles prenderam todo mundo que não queriam que falasse com Rockefeller e contrataram pessoas para fazerem manifestação a favor mediante pagamento”. Eulália ficou presa uma semana. Entre os que reivindicavam sua libertação estavam os adidos cultural e militar dos EUA, pois ela já havia sido convidada para o encontro com Rockefeller.

A narrativa de Eulália sobre sua prisão é deliciosa. Chegaram à sua casa, de madrugada, três pessoas armadas. Vinham prendê-la, mas não sabiam quem era ela. E ela lhes disse: “Não digo que sou enquanto vocês não me disserem quem são! Vocês estão uniformizados mas podem ter assaltado um quartel e roubado as fardas... Quero saber quem são vocês!” Eulália ligou para seu cunhado, que era almirante, na época cogitado para ministro, e os homens acabaram se identificando: eram da 8ª Artilharia da Costa no Leblon. Eulália os acompanhou. Foi levada ao gabinete do comandante, que se mostrava muito constrangido. Eulália lhe disse: “O Exército que combateu a caça aos escravos, que proclamou a República, vem agora prender os cidadãos que não estão armados... não estão alterando a ordem pública. O

Exército, que tem tantas tradições gloriosas, está reduzido a isso?” O comandante, desesperado, dizia: “Não somos policiais”. E a ordem se inverteu: comandante se defendendo e Eulália atacando. Mesmo assim, ficou presa, apesar de não haver acusação formal. Diariamente ela perguntava ao comandante: “Qual é a acusação contra mim?” Ele não tinha o que responder e dizia: “Você teve muita sorte, porque se morasse mais perto do Humaitá teria tido um destino terrível, pois teria ido para uma unidade muito pior”.

Sob o arbítrio, entre a jurisdição de uma unidade e outra, vencendo seus medos, Eulália começou, na prisão, a escrever sua história sobre a América Latina.

Depois de solta, permaneceu por doze anos indo aos Estados Unidos para lecionar. Ia e voltava, continuando suas pesquisas no Brasil. Mais uma vez foi pioneira! Conseguiu um auxílio da Ford Foundation, que até então só concedia verba de pesquisas com filiação institucional.

No final da década de 1970, Eulália ingressou na UFF. A professora Aidyl Carvalho Preis, que coordenava a Pós-graduação em História, convidou-a para lecionar neste programa. Não tinha sido ainda anistiada. Reintegrada à UFRJ, após a Anistia, permaneceu na UFF, onde coordenou, com a professora Yedda Linhares e comigo, o primeiro Projeto Finep na área de História. A montagem do projeto merece registro. O formulário era pensado, sobretudo, nos moldes da área tecnológica, porque o PADCT excluía as Ciências Humanas. Como nenhum texto proibia o financiamento pela Finep de projetos de pesquisa, estimuladas pela coordenadora, profesora Aidyl, tentamos a sorte. Mais uma vez Eulália foi pioneira, pois conseguimos. Mas também não foi fácil! Tínhamos que especificar os mecanismos mais eficazes de incorporar os resultados da pesquisa aos

setores produtivos da economia nacional. Considerando que a pesquisa era sobre operários e condições de vida no século XIX e primeiras décadas do século XX, não deixava de ser um processo muito complicado!

Muito mais eu poderia dizer sobre Eulália Lobo – o que não caberia nos limites desta solenidade. E aí, pergunto-me se, em minha louvação, louvei o que deveria ser louvado...

Pensando em sua grandiosa dimensão humana, não posso encerrar sem lembrar a mulher que conseguiu tempo para motivar seu marido, Bruno Lobo, médico, emérito professor, na pesquisa histórica sobre a Faculdade de Medicina. Ou ainda para elaborar um trajeto de viagem pela Rota dos Piratas, com seu querido neto, Bruninho. Ou ainda exaltar permanentemente as qualidades intelectuais de suas filhas Lúcia, historiadora, e Luíza, professora universitária de Literatura Comparada. E o tempo dos colegas e amigos? E a generosa paciência com os estudantes e o estímulo aos jovens professores? E as esticadas depois dos congressos, e sua competência para degustar os bons vinhos, que encantou o diretor da Real Vinícola do Porto! E a sua agilidade para dançar os ritmos nordestinos no Forró Forrado, o que deixou maravilhado Eric Hobsbawm que, naquela oportunidade, a fotografou inúmeras vezes... E a sua alegria cantando a Internacional em um restaurante em Laranjeiras?

Eulália, nós a respeitamos, admiramos, mas, sobretudo, nós a amamos!

http://www.lpp-uerj.net/forumrio/CONFERENCIA_EM_HOMENAGEM_EULALIA_LOBO.htm